

Coleção Aventuras Grandiosas

Mark Twain

O PRÍNCIPE E O MENDIGO

Adaptação de Rodrigo Espinosa Cabral

1ª edição

 **EDITORIA
RIDEEL**



1. NASCE UM PRÍNCIPE, NASCE UM MENDIGO

Numa noite antiga de outono, em Londres, por volta de 1530, nasceram dois meninos muito parecidos fisicamente, mas diferentes em vários outros aspectos. Eduardo Tudor nasceu num castelo, cercado de ouro, cristais, seda, conforto e calor. Era o filho do rei Henrique VIII, o que fazia dele um príncipe, o herdeiro da coroa. Sua chegada ao mundo trouxe esperança e felicidade ao reino e, por quase toda a Inglaterra, as pessoas comemoravam. Com exceção, talvez, de um pequeno subúrbio chamado Offal Court. Lá, após uma gravidez indesejada e um parto sofrido, nascia Tom Canty. Ao ver o recém-nascido chorando, seu pai falou com raiva:

— Pronto, mais uma boca para alimentar! Que desgraça!

Sua avó também fez alguns comentários ao ver o bebê:

— Maldição! Eu esperava que ele morresse no parto, mas agora que nasceu vamos ter que passar ainda mais fome nesse **CORTIÇO** miserável!

A mãe de Tom, muito dolorida, escutou tudo quieta e preferiu não repreender seu marido e sua sogra, pois tinha medo de apanhar deles. Em vez de discutir, ficou ninando o bebê e tentando dar a ele alguma alegria. Era difícil, já que moravam amontoados em uma única sala, que servia também de cozinha e quarto. Havia apenas um colchão para o casal. A avó e as irmãs gêmeas de Tom dormiam sobre **TUFOS** de palha espalhados pelo assoalho. Outras famílias viviam naquela construção da mesma forma. As condições de higiene eram péssimas e não era difícil ver ratos e baratas passeando pelos recintos.

John Canty, o pai de Tom, ganhava a vida roubando, mas o pouco dinheiro que conseguia gastava bebendo. Ao chegar em casa, batia na mulher e

↪ **CORTIÇO**: habitação coletiva dos menos favorecidos

↪ **TUFO**: porção, pequeno monte

nas filhas. Tom cresceu nesse meio ambiente **HOSTIL**, tendo todos os motivos para se revoltar, mas, por sorte, conheceu um padre que mudou sua vida.

Por motivos políticos, o padre Andrew havia sido expulso do castelo e, sem recursos, decidira viver em meio aos miseráveis de Offal Court. Lá ele procurava modificar a vida das crianças e tentava ensiná-las coisas úteis. A maioria não dava atenção para Andrew, porque achava sua conversa muito chata, mas, para Tom, cansado de ser espancado e maltratado em casa, o interesse do padre foi uma **DÁDIVA**.

Logo ficaram amigos e Andrew ensinou Tom a ler e a escrever. Essas duas ferramentas abriram várias oportunidades para ele. O padre emprestava-lhe livros e Tom simplesmente **SUBMERGIA** entre as letras. As palavras transformavam sua existência. Quando estava lendo, Tom deixava de ser uma pobre criança que era obrigada a mendigar pelo seu pai explorador. Com um livro nas mãos, Tom assumia outras funções, seu rosto enchia-se de alegria e ele cavalgava cavalos de batalha, salvava donzelas em perigo, matava dragões, freqüentava bailes da nobreza, participava de banquetes, conversava com reis... Através da literatura, Tom transformava sua vida difícil em algo mais doce.

Padre Andrew ainda deu ao rapaz noções de história, geografia, higiene, comportamento e uma introdução ao latim. Contudo, o maior interesse de Tom era pelas histórias de nobres e reis. O rapaz gostava tanto delas que passou, aos poucos, a se comportar como um príncipe. No começo as pessoas riam dele, mas depois se acostumaram. Alguns até admiravam o jeito de falar bonito e os modos refinados que Tom herdara dos livros. Para **DAR VAZÃO** ao seu desejo de viver na realeza, o pequeno Tom montou com seus amigos uma **CORTE** de brincadeira. Seus amigos viraram **SÚDITOS**, **CLÉRIGOS**, cavaleiros, príncipes e princesas, todos de mentirinha.

- ☞ **HOSTIL**: agressivo, contrário
- ☞ **DÁDIVA**: presente
- ☞ **SUBMERGIA**: afundava
- ☞ **DAR VAZÃO**: atender, solucionar
- ☞ **CORTE**: grupo de pessoas que fazem parte de um castelo
- ☞ **SÚDITO**: submetido à vontade de um soberano
- ☞ **CLÉRIGO**: sacerdote cristão





Assim Tom foi crescendo e chegou à adolescência, uma fase que se mostrava mais complicada do que a infância. Seus amigos já não queriam mais brincar de castelo e seu pai batia-lhe cada vez mais e obrigava-lhe a mendigar, já que Tom sempre se recusava a roubar. O garoto só encontrava a paz quando arrumava um tempo para ler ou durante a noite, quando dormia e sonhava com a vida na realeza.

Um desses sonhos foi tão nítido e forte que acabou seduzindo o garoto e, naquela manhã, ele saiu de Offal Court disposto a conhecer um castelo e um príncipe de verdade. Caminhou até o centro de Londres e por lá continuou durante três horas, tentando conseguir umas moedas para que seu pai não reclamasse na volta. Mas não conseguiu nada. Enquanto perambulava pelo centro, tentava encontrar alguma construção que lembrasse um castelo, mas foi em vão, até que encontrou uma estrada calçada com pedras e contornada por grandes árvores. Era um caminho bonito, com belas casas, e Tom resolveu segui-lo. Caminhou muito, afastando-se do centro, até que, duas horas depois, chegou em frente de um imenso gramado verdejante. Ao fundo, um enorme castelo cinza-claro erguia-se cobrindo parte do horizonte. Bandeiras tremulavam no alto de suas torres.

Ao deparar-se com a construção, Tom perdeu o fôlego. Sentia-se como uma barata mediante a beleza daquele jardim e da grandiosidade da fortaleza, que ficou uns dez minutos olhando, com a boca aberta. Depois, caminhou lentamente até os portões do palácio. Seus pés tinham bolhas e doíam muito, mas a emoção de ver o castelo era maior. No portão principal havia uma grande grade dourada e dois cavaleiros com armaduras metálicas protegiam os **FLANCOS** da entrada.

Ao aproximar-se da grade para espiar o movimento dentro do castelo, Tom levou um puxão e foi empurrado por um dos **SENTINELAS**, caindo aos pés de seu agressor.

— Cai fora daqui, mendigo!

- ↩ FLANCO: lado, parte lateral
- ↩ SENTINELA: guarda, vigia

Movido pelo desejo maior que era espiar para além das grades, Tom levantou-se e correu novamente em direção ao portão, onde se agarrou e viu um jovem louro como ele, provavelmente da mesma idade, vestido como um príncipe que até então Tom só encontrara nos livros.

Estava maravilhado, mas teve sua visão interrompida pelo guarda que, com um chute, retirou-o da grade e novamente o franzino Tom caiu na laje fria em frente do castelo, soltando um grito de dor. O grito chamou a atenção do príncipe dentro do castelo, que, curioso, veio verificar o que estava acontecendo. Ao perceber que seus guardas maltratavam um mendigo, o sangue nobre de Eduardo ferveu e ele imediatamente ordenou que os guardas largassem o garoto.

— Vocês deviam envergonhar-se por serem tão covardes! — disse o príncipe repreendendo os guardas. — Meu pai deveria enforcá-los por isso, mas...

Ao notar a semelhança entre ele e o mendigo, Eduardo até se esqueceu do que estava falando e ficou mudo. Com um gesto mandou que os guardas abrissem os portões e deixassem Tom entrar no castelo.

2. TROCA-TROCA

Era como se Tom estivesse sonhando. Era como se estivesse vivendo em um livro. Mal podia acreditar que seus sapatos sujos e furados estivessem sobre um piso de mármore. Arregalava os olhos a cada quadro dependurado nas vastas paredes e seu pescoço chegava a doer quando olhava para cima e via os lustres de cristal. Eduardo ordenou que Tom o acompanhasse até seu aposento, mas era difícil apenas seguir o príncipe, sem se admirar com a grandeza dos salões, a maciez dos tapetes, a limpeza e o ar sério do palácio.

Ao entrarem no quarto, ainda intrigado com a incrível semelhança entre os dois, o príncipe falou:

— Qual seu nome?

— É Tom Canty, Sua Alteza. — Embora já houvesse falado daquela manei-





ra muitas vezes em suas brincadeiras, era a primeira vez que Tom usava aquele pronome de tratamento numa situação verdadeira .

— Você sabe quem eu sou?

— Acredito que seja o príncipe Eduardo, filho do rei Henrique VIII!

— Isso mesmo. E você, é filho de quem?

— Sou filho de John Canty, Alteza. Um homem muito mau.

— Por que dizes isso de teu pai?

— Meu pai é um bêbado ladrão. Bate em minha mãe, em mim e em minhas irmãs!

— Precisamos dar um jeito nisso! Hoje mesmo vou mandar uma patrulha real conversar com seu pai. Se ele confessar seus crimes será preso e não incomodará mais você.

Por um momento Tom achou que era uma brincadeira, mas o príncipe falava sério, movido pelo seu coração justo e pela curiosidade que o intrigava cada vez mais, já que, quanto mais olhava para o mendigo, mais o achava parecido com ele. Para disfarçar sua surpresa, fez uma nova pergunta.

— Onde você mora, Tom?

— Em Offal Court, Alteza. Um subúrbio miserável, do outro lado da cidade.

Eduardo interessou-se e começou a fazer perguntas sobre a vida de seu **SÓSIA**.

— Como é a vida lá?

— Ah, é muito pobre, não temos nada de luxo. Não se compara em nada ao conforto deste palácio, por exemplo.

— Mas você tem amigos?

— Isso eu tenho! Dezenas de amigos! As famílias são muito numerosas na minha região.

Ao ouvir aquilo, o príncipe sorriu. Era um garoto muito solitário. Vivia cercado de pessoas mais velhas: professores, tutores, conselheiros, criados, serventes... Sentia vontade de poder agir como uma pessoa normal ou de pelo menos conhecer uma. Talvez por isso tivesse convidado Tom a entrar no castelo, motivado pela grande semelhança entre os dois.

🔊 **SÓSIA:** indivíduo muito parecido com outro

— Tom, preciso que você me conte como é ter muitos amigos. O que vocês fazem? Como se divertem? Do que brincavam quando eram menores ou mesmo hoje?

Tom abriu um sorriso, pois aquela pergunta parecia tão óbvia. Mas gostou de lembrar os bons momentos da infância ao relatar para o príncipe:

— Nós temos muitas brincadeiras, Alteza. Gostamos de correr, de fingir que somos cavaleiros do rei e lutamos com espadas de pau. Na verdade temos até uma corte de brincadeira. No verão fazemos guerra com barro e tomamos banho no Tâmis. Um dos meus amigos esculpe belos castelos com areia e terra e nós o ajudamos. Também organizamos várias competições como quem sobe mais rápido numa árvore, quem cospe mais longe...

Eduardo se deliciava com o relato de Tom. Disse ao mendigo que daria seu reino se pudesse passar momentos felizes como aqueles que Tom contara.

— Que estranho! Eu daria tudo o que tenho (embora não tenha nada) só para usar roupas de um príncipe.

— Então está feito! — disse o Eduardo, tirando suas roupas e entregando-as para Tom.

— Vamos lá, Tom, tire suas roupas e vista as minhas. Vamos trocar de lugar um pouco. Tenho curiosidade em saber como é ser um mendigo.

Meio nervoso, Tom tirou sua camisa rasgada e colocou a camisa perfumada e limpinha do filho do rei. E fez o mesmo com as calças e os calçados. Quando acabaram a troca, ficaram um ao lado do outro, em frente a um grande espelho e Eduardo falou:

— Você é praticamente idêntico a mim! Que coisa incrível!

— Ainda bem que sua Alteza percebeu isso também, porque eu estava achando que era um **DELÍRIO** da minha imaginação e fiquei com medo de comentar antes.

— Não é delírio não, Tom! Somos quase iguais e, agora que estou vestido como você, sinto ainda mais vergonha pela atitude que meus guardas tiveram. Tive uma idéia, espere aqui.

🔊 **DELÍRIO**: distúrbio que altera a consciência da realidade





Movido por seu senso de justiça e por sua **IMPULSIVIDADE**, Eduardo deixou o quarto vestido como mendigo e rapidamente se dirigiu até os portões do castelo. Lá gritou para que os portões fossem abertos. O soldado que havia sido repreendido pelo príncipe atendeu as ordens do falso mendigo e, quando este se encontrava do lado de fora do palácio, aproveitou para dar-lhe um forte tapa na orelha.

O ouvido de Eduardo zuniu enquanto ele caía na calçada.

— Esse golpe é para você aprender a não vir mais aqui, mendigo. E também para me vingar, pois graças a você eu fui **REPREENDIDO** pelo príncipe Eduardo!

De nada adiantou Eduardo gritar com o súdito, dizendo que mandaria enforcá-lo por ter agredido a sagrada pessoa do príncipe. Os guardas começaram a rir daquele “mendigo” que se dizia príncipe. Atraídos pela algazarra, pessoas do povo que passavam por ali também começaram a rir de Eduardo e, quanto mais ele gritava e tentava explicar que era o filho do rei, mais as pessoas riam dele e faziam piadas e o chamavam de mendigo real. Até que fizeram menção de espancá-lo para que não **CAÇOASSE** do príncipe Eduardo. Vestido de mendigo, o verdadeiro príncipe não teve outra alternativa a não ser fugir.

Enquanto isso, no castelo, Tom, maravilhado com as roupas, andava pelo quarto examinando seus móveis de mogno e sua decoração impecável. Sobre uma cômoda encontrou um grande exército de soldadinhos de chumbo e por alguns minutos ficou brincando com eles. Depois lhe ocorreu que Eduardo poderia voltar a qualquer momento, por isso reorganizou os brinquedos e foi até a janela do quarto, mas não havia sinal do príncipe lá embaixo. Tom estranhava a demora de seu novo amigo, e a espera, naquele quarto cheio de tapetes, foi lhe deixando sonolento. Cansado de sua longa caminhada, Tom olhou para a cama maravilhosa de Eduardo, mas resolveu deitar nos macios tapetes, para não abusar da hospitalidade de seu **ANFITRIÃO**, e ali dormiu.

- 👉 **IMPULSIVIDADE:** qualidade de quem age sem muita reflexão
- 👉 **REPREENDIDO:** advertido, censurado
- 👉 **CAÇOASSE:** zombasse
- 👉 **ANFITRIÃO:** quem recebe convidados

Em sua fuga, Eduardo **EMBRENHOU-SE** por locais onde nunca havia estado. Aos poucos a paisagem ia mudando e as casas ricas e bem-cuidadas iam dando lugar a terrenos **BALDIOS** e casas mais simples. Apavorado, o filho do rei correu até que se sentisse seguro. Quando já estava cansado, parou. Era uma rua suja. Sentou-se na calçada e pensou no que fazer. Se voltasse para o castelo seria maltratado pelos guardas e perseguido pelo povo novamente. Poderiam até mesmo prendê-lo ou enforcá-lo. Pensou mais um pouco e lembrou-se do nome do subúrbio em que Tom morava: Offal Court. Era isso. Encontraria o lugar e falaria com os pais de Tom para que o mal-entendido fosse resolvido.

Perguntou para as pessoas do local onde era Offal Court, mas elas não sabiam. Muitas nem lhe dirigiam o olhar. Seus primeiros impulsos eram de gritar e ameaçar seus súditos com a prisão e a força, mas logo se lembrava de que agora era um mendigo e que as pessoas iriam rir dele se insistisse naquela história.

No palácio, alguém batia à porta do aposento do príncipe. Tom acordou e, em princípio, achou que tinha tido o sonho mais maluco de toda a sua vida, mas ao abrir bem os olhos viu que continuava no quarto do filho do rei e suas mãos tocavam um tapete macio em vez da palha suja de sua “cama” em Offal Court. Essa percepção o fez ficar de pé imediatamente. Continuavam a bater na porta. Tom abriu, na esperança de que fosse Eduardo, mas era um **PAJEM** anunciando a presença de Lady Jane Grey, a prima do príncipe Eduardo.

Ao ver a bela garota, Tom ficou **PÁLIDO**. Pensou: “é agora que eles descobrem que eu não sou Eduardo e me mandam para fora!”. Jane viu que o “príncipe” não estava bem e perguntou o que estava acontecendo.

Temendo o pior, Tom ajoelhou-se aos pés da nobre e, muito nervoso começou a dizer:

- 🔊 **EMBRENHOU-SE**: enfiou-se no mato
- 🔊 **BALDIO**: sem proveito ou uso
- 🔊 **PAJEM**: criado que acompanha outro nobre
- 🔊 **PÁLIDO**: com a pele branca, esmaecida





— Eu não sou o príncipe! É tudo um engano! Sou um mendigo miserável! O príncipe deu uma saída mas vai voltar. Você tem que acreditar em mim.

Surpresa por ver o suposto filho do rei aos seus pés, Jane saiu correndo. Os criados e a pajem viram a cena e não demorou para que logo os rumores de que o príncipe Eduardo havia enlouquecido se espalhassem pelos saguões do castelo. Menos de uma hora depois o rei ficou sabendo do ocorrido e mandou chamar seu filho.

Ao entrar no salão do trono, Tom tremeu. Um homem de cabelos e barba grisalhos ostentava uma coroa na cabeça e olhava para ele com interesse.

— Aproxime-se, filho — disse o rei Henrique VIII.

Espantado com tudo aquilo, Tom deixou seus pensamentos escaparem sob a forma de palavras.

— O senhor é o rei? — perguntou o garoto desnorteado.

Houve alguns risos entre os cortesãos e cortesãs. O rei pediu silêncio total a seus súditos e falou:

— Pelo visto o que me contaram não era **CALÚNIA**. Uma enfermidade se abateu sobre você, filho. Vou proceder a uma prova intelectual para tentar avaliar a gravidade da situação, certo?

3. A PROVA REAL

Naquele momento, a última coisa que Tom poderia querer era uma prova. Tinha fome e suas pernas ainda estavam cansadas. Mas o pior era o seu nervosismo ao se defrontar com o rei da Inglaterra, que pensava que ele era seu filho. Por isso, criou coragem e tentou explicar a situação.

— Senhor rei, está havendo um engano brutal aqui. Eu não sou o príncipe Eduardo. Eu sou um mendigo. Houve...

A palavra “mendigo” arrancou gargalhadas dos nobres que assistiam ao diálogo em frente do trono. A zombaria tirou Henrique do sério e ele bateu com seu cajado contra o piso de mármore, gritando:

🔊 **CALÚNIA:** mentira, falsidade, invenção

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

